



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA**NO LAGO DO JARDIM**

/// Por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA ///

O jardim tinha acordado com ar de festa, essa manhã.

A passarada, saltitando de ramo em ramo, nas árvores que rodeavam o lago, dizia no seu canto alegre:

— Ric-ric-ric-ric, cuic-cuic-cuic-cuic, nós somos os passarinhos que vimos anunciar, ao lago e mais aos peixinhos, uma nova de pasmar.



As tuas águas, ó lago, desertas há tantos dias, vão sentir o brando afago de asas de penas macias.

E vós, ó peixes ladinos, toca a correr, a saltar... tereis cisnes pequeninos para convosco brincar —

Piloto — o cãozinho que era o benjamim dos meninos da casa — chegou-se à borda do lago, com as orelhas arrebidadas, farejando novidade.

O cisne velho, que andava nadando, veio ter com êle e segredou-lhe:

— «Vão soltar, esta manhã, os meus companheiros cisnes que estavam no chôco. Um é o Bola de Neve, um lindo cisne da minha côr, o outro é o Bico de Lacre, cisne preto que até parece que suja a água!» — e desandou, dando, com ar desdenhoso, uma sacudidela ao pé direito.

Nisto, ouviram grande algazarra. Eram os dois cisnes que saíam das suas casinhas, grasnando, muito contentes.

Seguindo Bola de Neve, vinham quatro meninos-cisnes e Bico de Lacre trazia consigo um cisnezinho cinzento, que muito ternamente bicava.

Os peixinhos puzeram as cabecitas fora de água e ficaram de boca aberta, a olhar os novos habitantes do lago.

A Izabelinha, que tinha ocorrido, apressada, batia as palmas para



encorajar os cisnes pequenos a nadar.

O cinzento, mais tímido, não se atrevia a entrar na água.

Foi preciso que a menina lhe deitasse migalhas de pão, para conseguir que êle saltasse.

Então, logo nadou tão direito e elegante como os outros.

— «O mais lindo de todos, é o pequenino cisne cinzento e nada que nem um peixe!» — exclamou a pequena, entusiasmada.

Bico de Lacre bateu as asas, em sinal de reconhecimento, e os peixinhos, ao ouvirem falar nêles, ainda abriram mais a boca de admiração.

Durante o dia, várias vezes Bola de Neve cochichou com o cisne

velho, olhando, de soslaio, com ar maldoso, Bico de Lacre.

Ao Piloto não escapou os segredinhos dos dois maraus e, de si para si, pensou: — «Andam a trammar qualquer intriga, pela certa! Os cisnes prêtos são mais raros; por isso a Izabelinha tanta festa faz ao pequenino cinzento!... Os brancos têm inveja, mas eu estou de atalaia! E tenho lume no olho!...»

O caso é que, no dia seguinte, Bola de Neve conseguiu que cisnezinho cinzento seguisse os outros, até ao fim do lago onde havia caniços perigosos.

Lago as cabecinhas dos peixes apareceram, dizendo ao Bico de Lacre, que estava catando as suas penas e não dera ainda pela falta do filho:

— Bola de Neve que é má, anda nadando acolá, e com ela está teu filho. Chama-o que venha p'ra aqui, e guarda-o junto de ti, que inda pode haver sarilho.

O peixe, nem sempre é mudo, náda, náda, e sabe tudo. —

O cisne prêto entufou-se todo, desesperado, por lhe terem, assim,



traíçoeiramente, roubado o filho e não fazia senão grasnar:

— «Anda cá, vem para a mãe! Só ela é que te quer bem!»

Mas êle, muito alegre, brincava com os companheiros, sem dar atenção ao desgosto em que a via.

Então, o Piloto que, de longe, seguira a cena, atirou-se à água e nadou direito a Bola de Neve, ladrando furioso.

Os cisnezinhos fugiram, espavoridos, para baixo das asas de Bico de Lacre.

Bola de Neve deu um assobio e preparou-se para o ataque.

O cão saltou sôbre o cisne, tentou fincar-lhe os dentes no pescoço e o cisne, com o bico, procurava agarrar-lhe as orelhas e metê-lo dentro de água.

O combate foi tão terrível que o dono viu o caso mal parado.

Decidiu meter-se num bote e, á pancada com um dos remos, separou os bichos.

Recolheu o cão e, enquanto lhe fazia festas, ia dizendo:

— «Maldito cisne que tão grande zaragateiro é! Será posto daqui para fóra! Assim, acabarão as desordens dentro do lago.» —

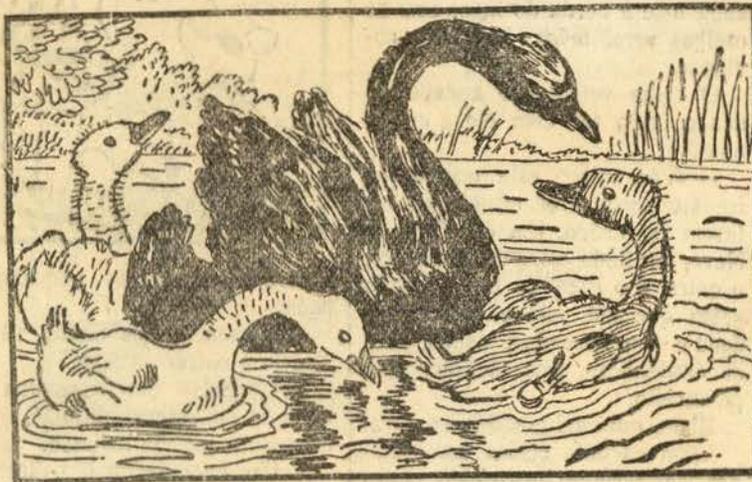
Deu, então, ordem para o jardineiro levar Bola de Neve para uma herdade, onde só havia um tanque sujo.

Ali viveria e, para seu castigo, ficou separado dos filhos.

Bico de Lacre tornou-se a mãe adoptiva dos cisnezinhos brancos, ficando, assim, com cinco lindos meninos, que cuidava com extremo carinho.

Neste mundo ninguém deve ser como «Bola de Neve», que por dentro era um tição!

Prêto, embora, antes ser prêto por fóra, e ter branco o coração!



C H A R A D A S

COMBINADAS

- + la = Brinquedo
- + cas = Nome de criança
- + ra = Rosto
- + a = Bondosa
- + las = Terra portuguesa
- + sa = Moradia

- + ta = Utensilio
- + ro = Imperador romano
- + ma = Leito
- + i = Animal
- + to = Parente
- + bo = Soldado

Concelto: — Brinquedo

EM FRASE

- 1 — Este monumento engana quem o não viu em seu germen. 1-2
- 2 — Esta esfera na bebida, torna-se um bólo. 2-1
- 3 — Este homem, às vezes, pega no seu sacco. 1-2



POEMA INFANTIL RADIOFONICO
DE AUGUSTO DE SANTA-RITA

SEGUNDA PARTE

A NARRADORA

VOLTOU, de novo, ao Mundo a môsca de oiro, pelo espaço através do Céu sem fim, cumprindo o seu mister de belo agoiro e vai poisar, agora, num jardim.

(Zumbido de môsca)

Brincam duas meninas, bem vestidas, junto da mestra a ler uma novela, e estão tão satisfeitas e entretidas que, muitas vezes, nem reparam nela.

Uma tem nas mãozinhas, embalando, uma grande boneca; a outra, a irmã, seu carrinho de mão vai empurrando; esta faz de ama, aquela de mamã.

Nisto, outra pequenina, mas daquelas sem bonecas; porém, que, em alvorôço, passam a vida, unicamente, a vê-las nas montras, para lá dum vidro grosso,

que levam noites a sonhar com elas e que, sòmente, têm p'ra brincar o fogo de artifício das estrélas, a grande bola, a bola do luar,



e o arco-iris, colorido arquinho, que aparece pouco antes de chover... e o Teatro das ruas, teatrinho representando peças a valer,

aproxima-se tímida e sorri ante aquele riquíssimo tesouro.

(Cessa o zumbido)

— «Vamos a ver o que se passa aqui...» diz, poisando num galho, a môsca de oiro,

Atenção, pequeninos; vão ouvir o que a mosquinha ouviu às pequeninas.

Cessou de esyoaçar e de zumbir!

Escutai o que dizem as meninas:

LENA *(para a irmã)*

Ama, remexa bem o colchãozinho e as duas almofadas do carrinho, enquanto eu pego na Milú. Vá, dorme, vá, faz «ó-ó»...

ZECA *(entleaca)*

Mas que boneca enorme!

MIMI

Pronto, minha senhora; já podemos deitar nossa menina, mas teremos de lhe mudar a fralda.

LENA

não é preciso, ama.

Está bem sêca,

ZEQUINHA *(aproximando-se timidamente)*

tão bonita!

Oh, que boneca

MIMI

Começa a choviscar!..

LENA *(com desalento)*

Então, já não podemos mais brincar!

A MESTRA

Lena, Mimi... Já chove. Vamos...

MIMI

«Mademoiselle», espere um pouco...

Não,

(Continua na página 6)

UMA HISTORIA VERDADEIRA

POR MARIA DO CEU RIBEIRO

JÁ estava para desistir de contar uma história aos meus leitorzinhos, quando o acaso me deparou uma, verdadeira, que passo a contar-vos e que acho muito mais interessante do que qualquer daquelas que tinha imaginado. Era uma vez, — (mas reparam que isto é verdadeiro,) — uma menina muito linda, linda como um anjo, mas que tinha o coração dum verdadeiro demônio.

Eram tais e tantas, as suas maldades



que a sua mamãzinha, senhora de excelsas qualidades, a todo o momento pedia a Deus que lhe tornasse bondoso aquele coraçozinho, que ela tanto amava.

Hoje, era o pobre Tareco, gatinho da casa, que era açoitado; mais tarde eram as galinhas, os patos; depois a pobre criada, criança como ela, mas bondosa, que tinha de lhe aturar as diabruras; enfim, era o vivo diabo com rosto de anjo, como se costuma dizer. Esta menina era castigada freqüentes vezes, pelos pais, mas, desta vez, o castigo foi rigoroso. Da janela do seu pequenino quarto, via as árvores do jardim e, escondida entre os ramos, ela divisiu um ninho de passarinhos. No seu espirito, imediatamente nasceu a feia idéa de os ir roubar.

Roubar!... que palavra tão feia, não acham? Os pais tinham saído, e portanto podia manobrar à vontade, pois não corria risco de ser vista.

Foi um momento... Já estava, junto da árvore, pensando nas maldades que havia de pregar às inocentes avezinhas.

Ao chegar junto delas, estende os braços para as apanhar, mas deu-se um caso inesperado: — a mãe dos passarinhos, que estava alerta, defende-os corajosamente,



picando, com força, aquelas mãozinhas maldosas. Sentindo a dor, talvez grande, a endiabrada garota desequilibrou-se e caiu.

Ao abrir, pela primeira vez, os olhos, depois da queda, encontrava-se na sua fôia caminha, rodeada pelos pais, médico e restante família. Olhando, enternecidamente, os pais, e voltando-se para a sua mãizinha, diz-lhe: — «Mãi, perdôa, eu não volto a praticar maldades!»

Fui hoje visitá-la; está quasi curada, e, ainda mais, está arrependida de todas as proezas que tem praticado. Com uma carinha, que a tornou muito simpática, disse-me: — «Vai, e dize aos meninos do Pim-Pam-Pum que não queiram ser maus!»

F I M

O BOM VENCE SEMPRE

POR VIRGINIA NEVES VIDAL

NA margem dum ribeirinho vivia uma linda flôr de pétalas vermelhas, que fazia a inveja de todas as florinhas dos arredores. Costumava ela curvar um pouco o elegante colo, para rever a sua beleza nas límpidas águas correntes...

Um dia, viu de novo surgir o sapo, que há muito dela se tinha enamorado.

Vinha triste e pensativo. Abrindo a sua enorme boca, disse:

«Flôr minha! tu que vives feliz, rodeada por uma côrte de escravos e de admiradores, tu que és linda como o céu, as estrelas... o sol... a vida... tu que vives (a-pesar da tua soberana formosura) tão só, vivendo apenas para a tua beleza... não queres amar-me um pouco? Gosto tanto de ti!...»

— «Pobre pateta! continuou ela. Tu, tão feio, tão asqueroso, tão repelente, querias, proventura, ser meu esposo, tocar nas minhas finas pétalas, com essa tua pele rugosa e áspera? Tu, animal mesquinho, abôrto da natureza? Ah! Foge, não me humilhes com a tua preferência!...»

E ergueu-se altiva, olhando-o por cima das suas pétalas vermelhas...

Curvado, mais triste do que nunca, o misero sapo foi esconder-se, envergonhado, entre enormes pedras que para êle eram rochedos, menos duros e frios do que o coração da sua amada. As lágrimas corriam pelas suas faces e êle elevou os olhos ao céu, chorando por essa ilusão desfeita.

De repente, o céu começa a toldar-se. Grossas gotas de água vêm caindo. Os relâmpagos iluminam a terra inteira. Os trovões assustam as avezinhas...



O QUE A MOSQUINHA OUVIU...

(Continuado da página 3)

A MESTRA

recolham-se depressa; aqui, aqui, debaixo desta copa.

Então,

LENA

traze a boneca. Aqui, sob este abrigo, não chove nada. Vem; não há perigo da nossa Miluzinha adoecer.

Anda, Mimi,

(Para Zeca, com soberba):

Vai-te daqui, pequena... Estás a ver que este abrigo mal chega para três quanto mais para quatro! Sai. Não vês que não somos iguais a ti, que estás habituada à chuva? O que te faz molhar o teu vestido?! Era uma penal... Tão velho, sujo e esfarrapado!...

A MESTRA (com indignação)

que dizes tu?!... Não vês que é feia acção a que estás a fazer? És má! Então, lá por ser pobrezinha esta pequena, não tem direito a recolher-se?! O Lena, pede-lhe já perdão.

Lena,

LENA

Não peço.

A MESTRA (com intimativa)

pede que mando eu, não sejas má!

Vá,

LENA (orgulhosa)

Eu, pedir-lhe perdão?!...

ZECA (humildemente)

Minha senhora, deixe-a lá, não faz mal; eu vou-me embora. Estava só aqui para ver bem a boneca lindíssima que tem esta menina. Embora chova mais, eu vou-me embora. Não faz mal!

Minha senhora,

A MESTRA

Não vais; aqui cabemos tôdas, muito unidas, juntando, num abraço, as nossas vidas. Como te chamas, pequenina?

ZECA

Zeca,

A MESTRA (carinhosa)

Então, Zèquinha, pega na boneca e abriga-a tu da chuva, as nossas vidas; olha por ela, fica ao teu cuidado.

LENA (com revolta)

Não, isso não!...

A MESTRA (imperativa)

Sim, toma-a... Mando en!

Ih, como o Céu de todo escureceu. Um relâmpago, Céus!...

MIMI (recensa)

Jesús!

LENA

Que horror!

A MESTRA

Foste má... Vai rallar Nosso Senhor! (Trovão)

MIMI

«Mademoiselle»...

LENA

Ih, como chove!

MIMI (impaciente)

Mande chamar um carro, um automóvel... Ande, depressa, vamos para casa.

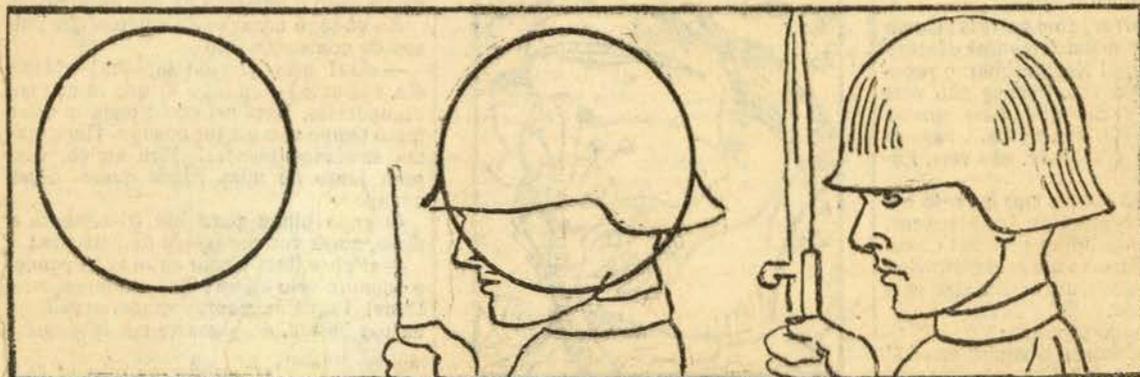
A MESTRA

Agora,

é impossível; quem?!...

(Continua no próximo número)

L I Ç Ã O D E D E S E N H O



Como se desenha um soldado com capacete de campanha

REFERÊNCIA AUXILIAR

IGNORA-SE o nome do fundador d'êste soberbo palácio, que se ergue numa pitoresca e linda vila dos arredores de Lisboa. Atribui-se, contudo, a sua fundação a algum dos régulos ou alcaides mouriscos que predominaram anteriormente à fundação da monarquia.

Foi residência de verão de D. João I e sua mulher a rainha D. Filipa. Êste monarca reedificou e aumentou consideravelmente a vila. Lá nasceu, em 15 de Janeiro de 1432, D. Afonso V, vindo a falecer, justamente, na mesma sala onde veiu ao mundo, em 28 de Agosto de 1481.

Depois da infausta morte do príncipe D. Afonso, D. João II e sua mulher D. Leonor, seus pais, ali se recolhiam para sempre.

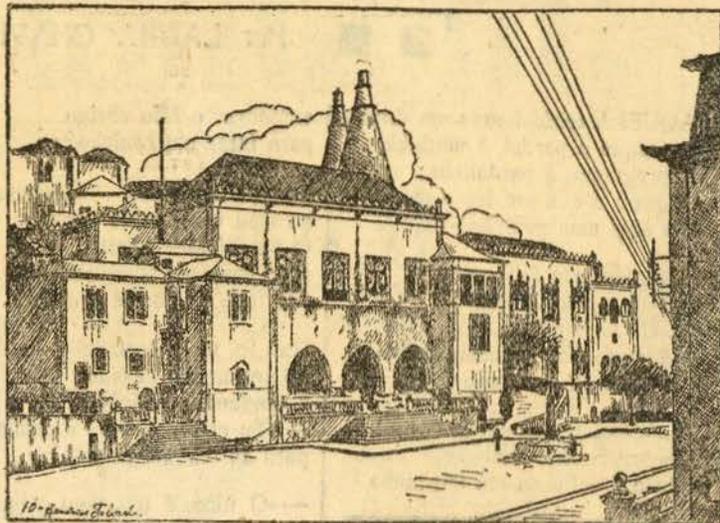
D. Manuel reformou êste palácio, interior e exteriormente, introduzindo-lhe bastantes melhoramentos. Deu muitas festas e fez recepções, durante as quais se representaram, por vezes, autos de Gil Vicente.

Durante o domínio espanhol, esteve completamente abandonado e, mesmo depois, D. João IV poucas vezes o visitava. Serviu de prisão a D. Afonso VI, que veiu a falecer a 12 de Setembro de 1685.

No tempo de D. Maria II todo o seu esplendor reviveu. Seu marido, D. Fernando, que tinha grande predilecção pela caça, por lá se conservava largas temporadas.

Mandou esta rainha reparar o edificio, mobilar e adornar muitas salas.

CONCURSO DOS PALACIOS E MONUMENTOS DE PORTUGAL



Contam-se, a propósito, duas interessantes passagens sobre a origem da *Sala dos Cisnes*, pintada por Alvaro de Pedro, e da *Sala das Pégas*. Na chamada de *Audência* foi que D. Sebastião reuniu o último conselho antes da ingloriosa partida para Africa.

Atenção. — Por lapso, o sentido da nota publicada no penúltimo

número saiu deturpado, devendo ler-se assim:

«No caso de os meninos juntarem as referências aos desenhos publicados, esta anotação deve acompanhar a de hoje, como completa elucidação dos concorrentes à anterior.»

Claro, que esta nota nada tem com a referência do presente número.

O bom vence sempre

(Conclusão da página 5)

—me, riste-te de mim. Agora, que nada vales, já me queres para teu marido! Emfim! Para te mostrar que não sou tão mau nem tão orgulhoso como tu, quero ainda casar contigo, porque, a-pesar-da tua fealdade, continuo a gostar de ti.»

A flôr, comovida por tanta nobreza de coração, quasi desfaleceu.

Casaram. Foram muito felizes e a flôr não mais tornou a ser vaidosa nem má.

Entretanto, regressava a primavera, e com ela voltaram, à flôr, as lindas pétalas vermelhas...

CONCURSOS MENS AIS

Em virtude da aglomeração de provas em nosso poder, só no próximo número poderemos mencionar todos os originaes até à presente data recebidos.

O juri reunirá brevemente. Dada a solução desta terceira série, ficarão suspensos, até novo aviso, os nossos «Concursos Mensais».

ADIVINHA Anedotas do André



Meus meninos: Vejam se descobrem onde se encontra o menino que apanhou estas flôres?...

André, um dia, resolveu fazer-se criado de café.

Uma tarde, um freguez que tinha saído havia pouco, entra, correndo em direção a André.

— Deseja mais alguma coisa? — perguntou o criado.

— Eu... eu... eu... queria... queria... É que estive aqui a tomar um capilé... Deixei uma nota de cem escudos?...

— Deixou, sim senhor. Muito obrigado a V. Ex.^a. Não esperava gorjeta tão grande...

Um domingo de verão, André foi à praia de Pedrouços. Tomou banho e, ao vestir-se, deu por falta do colete.

Procurou na areia, nas barracas, correu a praia e... nada. Chegou a casa e não dormiu.

No dia seguinte, foi, outra vez, a Pedrouços. Quando ia a vestir o fato de banho, ficou muito admirado e disse:

— Ora até que enfim que aparece o colete! Afinal trazia-o vestido debaixo da camisa...

GRANDE VERDADE

Por LAURA CHAVES

NAQUELA tarde houve um drama porque o pardal, à noite, perguntou à pardalinha:

— «Quem é que me fez a cama? Falta aqui uma peninha!»

— «Marido, não falta nada, ninguém a palha tirou!» Mas ele logo piou:

— «A cama está desmanchada!» E, abrindo as asas, voou.

Depois, bateu ao postigo do nobre Senhor arminho, dizendo: — «Posso em teu ninho

encontrar o fófo abrigo para fazer um soninho?»

Disse o arminho: — «Certamente, no meu ninho pode entrar.» O pardal foi-se deitar, mas, cheirava horrivelmente... vai, teve de pôr-se a andar.

Dali foi ter à casinha do seu amigo cevado e perguntou, delicado:

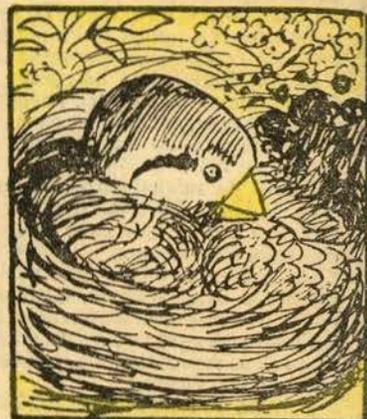
— «Tu emprestas-me a caminha para dormir um bocado?»

— «O filho, é teu, meu chiqueiro!» respondeu-lhe êste, a grunhir. O pardal pôs-se a dormir, mas era tão mau o cheiro, que êle teve de fugir.

Ao texugo Ripópó tratou de ir pedir pousada:

— «Desculpe, amigo, a maçada, deixa-me fazer «ó-ó» na sua cama lavada?»

— «Entre, então!», disse-lhe o bicho, mas o pardal, quando entrou, palavra que até julgou entrar num barril do lixo: e o nariz logo tapou.



Assim correu seca-e-meca, muito e muito deu à asa! De fulo, já estava em brasa! E, por fim, fez a soneca, querem saber onde? Em casa.

Medita quem isto veja: sempre a nossa casa, em suma, por mais modesta que seja, é melhor do que nenhuma.

F I M

A L É R I A S

Por MARIA ISABEL CORRÊA
Menção honrosa do concurso

Toque, toque, toque,
Atraz do burrinho
Ela vai às feiras
A's vendas do vinho.

Tem filhos, tem netos,
Anda sempre só;
Mas todos respeitam
A senhora avó.
Alegre, risonha
Faz o seu negócio;
Sem mostrar canseira.
Não tem dias de ócio.

Não sente tristezas,
Não tem amarguras.
De ser avózinha,
Só goza as doçuras...
Ela compra e vende
Lá pelo mercado.
O pobre jerico
Sempre carregado.

Ao chegar a casa,
Que graça, que passo!
Todos os nêtinhos
Lhe vão ao regaço.



A uns traz cerejas,
A outros pão alvo,
E deles nenhum
Ficará a salvo.